

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 979;	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	950	120	10 DE MARÇO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



DR. AFFONSO PENA

NOVO PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

## Chronica Occidental

Continua a dar que falar a politica. Se as eleições são thema constante, desde que d'ellas se fale, muito mais, pelas circumstancias especiaes em que se realisam d'esta vez, o deveriam ser agora.

Não sómente o resultado interessa, mas muito hão sido discutidas as declarações feitas pelos chefes dos partidos adversos ao actual gabinete sobre a forma por que vão proceder durante a lucta. E' natural que o governo traga á camara uma grande maioria; mas a opposição, por muito pequena que seja em numero, promette desde já não dar um só instante de tranquillidade ao governo.

Que succederá então? Como se resolverá a questão dos tabacos, uma das mais fecundas em discordias, desde que em Portugal ha camaras?

Estes pontos de interrogações haveriamos de pôl-os ainda em maior numero, se da politica portugueza passassemos a noticiar o que se tem passado na conferencia de Algeciras e apontassemos o de que falam todos os telegrammas, constantemente a chegarem das capitães, onde quanto se passa, e até o que se não passa, em Algeciras, é immediatamente commentado e discutido. A queda, em França, do gabinete Rouvier, mais veio complicar a situação.

Na recente estada de El-Rei de Inglaterra em Paris, onde, embora viaje incognito, foi carinhosamente acolhido pela população e magnificamente recebido pelo presidente da republica, na simples e rapida visita de Eduardo VII á capital franceza, querem muitos ver mais uma prova da aproximação dos dois grandes paizes contra inimigo commum o que em Algeciras começou rosnando suas ameaças.

Mais se diz que Eduardo VII deseja ter com seu sobrinho o Imperador da Allemanha uma conferencia sobre a paz, que este por muitos já classificado como doido, parece querer perturbar.

Continuam os reis viajando; se assim procedem em favor da paz, não ha mais que louval-os.

Está-se Madrid preparando agora para receber El-Rei de Portugal, que ali vai pagar a visita, que ha mezes aqui lhe fez El-Rei de Hespanha. Breve será, mas os telegrammas que teem chegado annunciam que as festas serão deslumbrantes: parada, recita de gala, tourada, cortejos.

Outras maiores se realisarão em Madrid, muito brevemente, por occasião do casamento de D. Afonso com a princeza, cuja entrada no gremio dos catholicos tanto agora tem dado que falar.

*Madrid vaut bien une messe*, poderá ella dizer, parodiando Henrique IV, o glorioso avô de seu futuro marido; mas parece, segundo ella o affirmou, que é perfeitamente convencida que abjura a antiga religião de seus paes.

Os retratos não a dizem formosa, e é pena. Parece que uma rainha de Hespanha, o reino das mulheres bonitas, deveria ser sempre a mais bonita mulher d'este mundo.

As festas promettem ser deslumbrantes, e serão alegres decerto. De mulheres bonitas é o reino nosso visinho e de alegria tambem. E' vermos a animação que trouxeram ao entrudo de Lisboa as tunas hespanholas que ahí estiveram. Elle ia arrastando-se conforme podia, com papelinhos, gravissima batalha de flores, um certo barulho, e uma ou outra mascarada de algum effeito; mas a alegria foram só os estudantes que lh'a deram, com suas violas e os *passa-calles* animados.

Deram alguns concertos, mas nem todos foram acolhidos pelas estrellas do céu e os habitantes de Lisboa com a boa vontade que os rapazes mereciam. O dinheiro gasto nas folias não as permittia maiores; uns restos de inverno mal-humorado, e, pelo menos, um dos concertos em noite de chuva, foi muito pouco concorrido.

Estamos em março e a boa epoca dos theatros está prestes a terminar. Os palhaços e cavallinhos já partiram; em muitos theatros já se fala mais da viagem ao Brasil que das peças que ainda se vão estudando para fechar a epoca.

O que ainda por emquanto atrae a curiosidade são as recitas a realisar a favor das victimas ou familias dos infelizes marinheiros do *Aquidaban*. Em quasi todos os theatros de Lisboa se hão de effectuar, sendo oradores convidados pela commissão, segundo nos consta, os srs Eduardo Schwalback, José Antonio de Freitas, José d'Alpoim e dr. Affonso Costa.

O bando precatorio, que percorrerá as principais ruas de Lisboa, está sendo organizado por forma que chame a attenção, e o bom coração dos portuguezes a favor de seus irmãos brasileiros poderá e deverá, mais uma vez, manifestar-se. Um grupo de campinos acompanhará o cortejo dan-

do-lhe grande brilho. Os coristas de todos os theatros de Lisboa irão cantando uma composição de Augusto Machado.

E' de esperar que seja grande a colheita de esmolas. Resta que o publico auxilie a commissão, concorrendo aos espectaculos.

Os theatros portuguezes não foram muito felizes este inverno, ainda que, até certo ponto, se equilibrassem. Faltou-lhes, a quasi todos, aquella peça de exito, que obriga o publico a quasi encher os todas as noites e cuja vida fica marcada nos archivos do camaroteiro e, em letras doiradas, no *deve e haver* do empresario.

Só o theatro D. Amelia poudé gabar-se d'um grande exito, com as setenta e tantas representações da *Venus*, que, até no parecer dos mais velhos frequentadores de theatros lisboetas, é a peça que mais deslumbrantemente ha sido levada á scena em Lisboa, contando mesmo o *Templo de Salomão* com seus camêlos, de que diziam os nossos avós maravilhas.

Alguns originaes se representaram em diversos theatros com maior ou menor agrado, mas sem aquelles exitos de ha quinze, vinte annos, quando Lopes de Mendonça e Marcellino Mesquita appareceram com seus dramas historicos no theatro de D. Maria e as peças de Gervasio Lobato chegavam no Gymnasio ás cem representações.

Coelho de Carvalho, que ha dois annos se estreou com o *Casamento de conveniencia*, deu-nos agora no theatro de D. Maria a sua segunda peça, *O Filho Doutor*, que foi ouvida com muito agrado e muito festejada pelo publico. Chamou sobre a peça a attenção o incidente havido, quando da sua apresentação no theatro, entre o auctor e o commissario. A primeira noite era portanto para excitar curiosidades. Logo no fim do primeiro acto, que toda a critica classifica de modelar, o auctor foi chamado cinco vezes á scena pelo publico que applaudiu com enthusiasmo.

Quem não deve maldizer do inverno é a empreza do Circo das Portas de Santo Antão que contou enchentes sem numero. Deve dizer-se que manda ali quem tem dedo. Os espectaculos são variadissimos e curiosos sempre. O publico diverte-se no Circo mais barato que nos theatros, e não ha noite ali de que lhe venha mal, como n'outras, quando tem de ouvir mil torpezas, á falta de boa graça.

O grande exito foi a Cléo de Mérode, que appareceu quasi no fim da epoca. Uma chave d'ouro.

A mulher tão celebrada no mundo, por sua formosura e não sei se tambem por algumas aventuras—dizem que sim—veio ahí endoidecer Lisboa que já muito a conhecia da collecção dos bilhetes postaes. Cléo de Mérode é das mulheres que mais teem dado a ganhar aos correios, já por que o seu retrato anda sempre de viagem em todas as malas do mundo, já porque trinta mil apaixonados lhe mandam versos anonymos todos os dias.

Diz-se que a gymnasta do auto-bolide, a que tambem chamam a mulher do auto-boléo, está no hospital ideando uma nova maneira de escangalhar mais uns ossos, com sua cambalhota n'um cavallo, em que este e ella devem cahir n'uma grande tina d'agua.

A Cléo de Mérode trata da pelle, é mais que certo; esta, como se vê, não trata.

Para a paschoa o Colyseu abrirá de novo as suas portas, como nos mais annos, para a representação de operas por preços baratissimos. E é ainda o povo quem se diverte e aprende alguma coisa.

Nos theatros portuguezes teremos ainda uns espectaculos attrahentes, aquelles que se destinam a melhorar a sorte dos descendentes do grande Camillo ou a auxiliar os que pretendem—e não é sóra de tempo—prestar-lhe a homenagem d'uma estatua n'uma das praças ou jardins de Lisboa. Nenhum escriptor portuguez tem, mais do que o grande Camillo, direito a todas as homenagens.

Não foram justos com elle emquanto vivo; a dívida não se resgata de todo assim, mas, ao menos, cumpramos novos o que os velhos, mais devedores, deixaram no esquecimento.

De homenagens falamos; archivemos quanto nos foi grata a manifestação feita agora em Paris a Theophilo Braga, tão digno de ver sua fama espalhada pelo mundo. Mais uma vez o OCCIDENTE glorifique o grande escriptor, a quem tanto deve.

E acabemos esta chronica, como muitos livros acabam, com uma errata e uma queixa contra a diabrura da typographia, que, sob o lindo villancete que Arronches Junqueiro nos mandou, lhe estropiou o nome para Amadeu. Nem elle deu por isso, talvez, lá na formosa serra de Setubal, onde elle só se preoccupa com as estrellas

do céu e as flores do monte, sem saber de gralhas senão das que vão coaxando por sobre as charnecas.

JOÃO DA CAMARA.

## JESUS

— Vou rezando,  
como em sacrosanta nave,  
ao meu Christo, doce e grave,  
que os falsarios, blasphemando,  
victimaram  
e arrastaram  
ao Calvario...

E como n'um sanctuario,  
à noite, ao deitar na cama,  
fervoroso,  
d'amor vivo ardendo em chamma,  
rezarei ao Poderoso  
— de joelhos, mãos erguidas,  
tiritando,  
vendo as chagas denegridas,  
vou rezando

ao meu Deus, na cabeceira  
do meu leito pendurado.  
E minha esp'rança fagueira  
que o Christo crucificado,  
condoendo-se de mim,  
ha-de, pois, salvar-me emfim.

E assim, eu,  
irei feliz para o céu,  
porque o Christo ensanguentado,  
denegrado,  
em martyrio amortalhado,  
dolorido,  
a quem rezo com fervor,  
— ha de esmagar-me esta dôr:  
esse Deus,  
que os juzeus,  
mercenarios, blasphemando,  
victimaram  
e arrastaram,  
ao Christo a quem vou rezando.

ALBERTO DE MADUREIRA.



## A Nova Presidencia da Republica dos Estados Unidos do Brasil

No dia 1 do corrente verificou-se a eleição para a Presidencia da Republica dos Estados Unidos do Brasil, tendo ficado eleitos Presidente o sr. dr. Affonso A. Moreira Pena e Vice-Presidente o sr. dr. Nilo Peçanha.

Estes nomes são vantajosamente conhecidos como dois estadistas notaveis do Brasil, que ora ascendem á suprema magistratura da Republica no quadriennio de 1906 a 1910.

O presidente sr. dr. Affonso Pena, nasceu em Santa Barbara do Estado de Minas Geraes, a 30 de novembro de 1847, e é formado em direito.

A sua carreira publica vem do tempo do imperio, tendo sido pela primeira vez eleito deputado provincial em 1874 a 1879 e deputado geral d'este anno até 1889 quando foi proclamada a republica.

No ministerio presidido por Martinho de Campos, em 1882, foi ministro da guerra, e em 1883 tomou a pasta da agricultura, no gabinete Lafayette. Em 1885 occupou a pasta da justiça sob a presidencia de Dantas.

Depois de proclamada a republica, fez parte das côrtes constituintes de Minas, e presidente d'este Estado de 1892 a 1894.

Em 1895 foi nomeado presidente do Banco da Republica, logar que desempenhou até 1898.

Por isto se pode aquilatar seu valor de estadista experimentado e conhecedor dos negocios publicos, aliando a estas qualidades o ser um character ponderado e sério, espirito tolerante e intelligencia superior.

Foi assim que, em 1903 o sr. dr. Affonso Pena alcançou a maior votação para a vice-presidencia da republica, e agora os seus concidadãos lhe deram os votos para a presidencia effectiva.

O sr. dr. Nilo Peçanha é o presidente do Estado do Rio de Janeiro, cargo que continuará a desempenhar até 15 de novembro d'este anno, em que tomará então posse do seu novo mandato.

# O Carnaval de 1906, em Lisboa



UM MANDARIM CHINEZ  
MENINO ANTONIO RATO

É também estadista experimentado e muito conhecedor dos negócios públicos, em que tem empregado as vastas faculdades de seu espirito superior.

As eleições para a presidência correram na melhor ordem, provando assim que o grande povo brasileiro vai compreendendo bem os seus direitos e os seus deveres.

—X—X—X—X—

## O Carnaval de 1906

Não iremos gastar estafada rhetorica com o Carnaval que passou, nem explicar, com a historia á vista, a razão da sua existencia.

A gargalhada nasceu com a humanidade. E' d'esta raça o riso, dizem os sabios, que tambem riem. O Carnaval é a expressão maxima d'esse riso, que as convenções sociaes nem sempre permite, e traz amordaçado durante trezentos e tantos dias no anno, para só lhe dar ampla licença umas tantas horas.

Com os tempos mais se tem ido apertando a licença e mais se tem querido fazer da velha festa pagã coisa séria, accommodaticia, pautada, regida por leis como as que regulam a liberdade natural do homem, e vai d'ahi, queixam-se que o Carnaval cae em semsaboria, não tem graça, não tem espirito, uma miseria que vom arrastando ha annos por esse mundo, e particularmente por essas ruas de Lisboa.

A' primeira vista parece que o Carnaval sem selvageria, sem brutalidade, não tem vida, não tem graça, graça pesada, que doe, que nos parte a cabeça, que nos vasa um olho, que nos esmurra o nariz, ou nos rasga o fato, nos acochicha o chapéu, nos deixa immundo.

Essa graça, com que nossos antepassados se divertiam, não a querem hoje, que estes tempos são mais commodistas, mais positivos, e esse positivismo trouxe-nos o que se vê.

Se a arte não lhes acudir, adeus Carnaval, vaes para o esquecimento, soffres nova crise como tantas que tens passado atravez dos tempos, desde a antiga Grecia, onde tiveste o berço, até nossos dias, em que, parece, terás o teu occaso.

No ponto a que chegou a actual civilisação, n'este caminhar incessante do progresso, em que todas as formulas se gastam n'um abrir e fechar d'olhos, sempre aspirando para mais e mais, para o imprevisto, para a surpresa; a sciencia realisando prodigios, derrocando o velho mundo, demonstrando a realidade do maravilhoso, a possibilidade do impossivel, n'este estado febril dos espiritos, como podem resistir as velhas tradições, para nos divertirem, distrahirerem, desopprimirem d'esta vida positiva, esmagadora, erma de ideias, d'este seculo a que poderemos ir chamando o Seculo do Ouro, onde só vai bem tudo que fôr rico, luzir e brilhar como o ambicionado metal, inda que elle venha dos abyssos mais immundos.

Faz-te rico, Carnaval, faz-te lavado, que es mais ricos mais se lavam de muita nodoa que teem, e verás como te acham espirito, como te recebem bem, te cortejam, te applaudem.

N'essa miseria em que vaes, morres com toda a certeza, sem te valer evocares teus antepassados, que de velharias ninguem cura, e o que se quer é cada qual fazer pela vida.

Tira a mascara de Polichinello, perde a vergonha, entra na moda dos tempos, com petulancia, com audacia, guarda a podridão lá dentro, mostra-te galante por fóra, conveniente, mesureiro, ri por medida e cala-te muita vez, quando não te fôr permitida a entrada, fica á porta como

um cão e aguça o dente para morder no momento opportuno.

Vae com os tempos, meu velho. Atira *confetis*, que o vento leva, em vez de tremoços que batem riço na cara; enlaça a tua namorada com as finas serpentinas de papel multicores, em lugar de abraçares franca e instinctivamente com os teus braços nervosos; offerece-lhe *bonbons* e guarda para ti as pulhas; enfeita-a de violetas cheirosas e deixa na tenda os alhos fedorentos.

Não continues na folia arruaceira em que corrias pelas viellas e beccos, agora só permittida como protesto das massas contra as medidas de fazenda, que tiram a pelle ao povo, por já lhe haverem tirado a camisa.

Civilisa-te, se podes, e se depois de civilizado não te conhecerem, então é que serás o verdadeiro Carnaval dos tempos modernos, este Carnaval pleno em que todos andam mascarados com a cara que Deus lhe deu, dizendo o contrario do que pensam, procedendo em opposição á propria vontade.

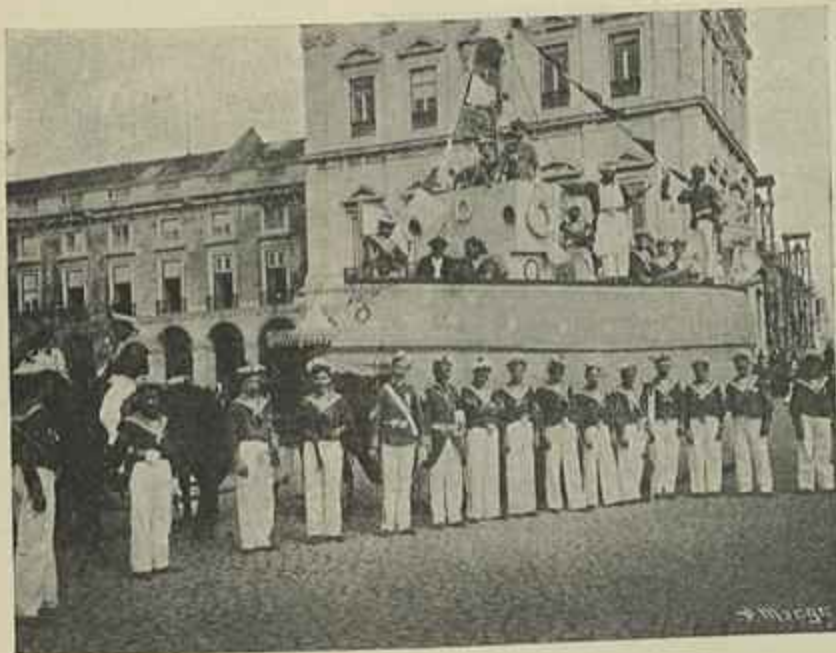
Que mais quereis que vos diga, leitor, do Carnaval que passou, se nos mettemos por estas philosophias, que nos accudiram ao bico da penna, quando vos queriamos descrever o que por essa Lisboa discorreu nos tres dias de Entrudo.

Danças, cégadas, parodias, velhas sovadas, sem novidade, sem interesse, Batalhão d'Alfama, de marinheiros, com seu couraçado de lona *Sempre se fez*, unica satyra bem jogada do Carnaval a este povo de navegadores, onde já se não constroe um navio. Os batalhões d'Ajuda, d'aqui, d'ali,



UMA BICYCLETA MOINHO

DOS SRS. REINT ROSENSTOK E VIRGLIO HENRIQUES, PREMIADO



O BATALHÃO D'ALFAMA  
O COURAÇADO «SEMPRE SE FEZ», PREMIADO

(Photographias do sr. Alberto Lima)



O CARRÓ DO REI CARNAVAL DE 1906

O CARNAVAL DE 1906 EM LISBOA



AVENIDA DA LIBERDADE — NA PRAÇA DOS RESTAURADORES  
(Photographia do sr. C. Moitinho d'Almeida)



A TUNA ESCOLAR MADRIENA  
(Photographia do sr. Alberto Lima)



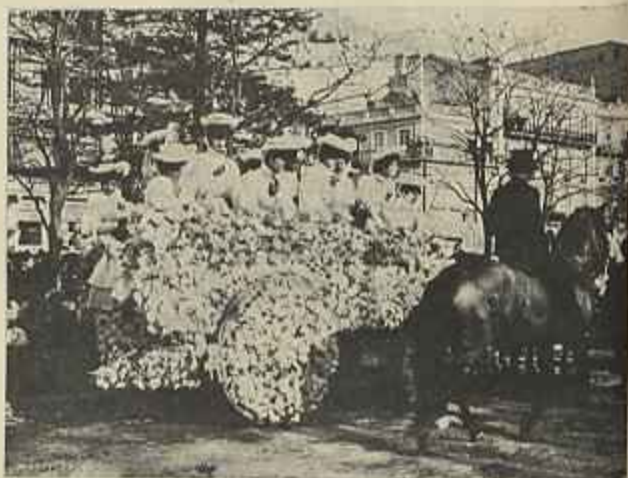
AUTOMÓVEL DE VIOLETAS DO SR. CARLOS CARYALHO  
(Photographias do sr. C. Moitinho d'Almeida)



COBETO DA TUNA MADRIENA NA AVENIDA



CAVALGADA DO SR. ANTONIO CARALHEIRO  
(Photographia do sr. C. Moitinho d'Almeida)



CARRO DO SR. SEPEDA  
(Photographia do sr. Alberto Lima)



CHARIOT CORBEILLE DO SR. CARLOS E MANOEL BARROS—PREMIADA  
(Photographia do sr. Alberto Lima)



BREACE DE MISS GEORGES  
(Photographia do sr. C. Moitinho d'Almeida)



GRUPO DE CRIANÇAS MASCARADAS NO BAILE DO ATHENIU COMMERCIAL



A CAVALGADA DO GAGLIARDI—PREMIADA  
do sr. Bonollet  
(Photographia do sr. Bonollet)



CAVALGADA DO GRUPO «ESPANTA»—PREMIADA

# O Carnaval de 1906, no Porto

com seus generaes finjidos, a quem nunca cheirou a cabeça a pólvora, exactamente como muitos que por ahí divagam quotidianamente. Carros de papelão doirado e colla barata, apparentando riqueza, como muita gente que para ahí faz das tripas coração. Uma batalha de flôres, sem flôres e sem batalha, enterro de coches do Lagoia deslizando na Avenida a caminho dos Prazeres. Carros reclame sem fazer reclame.

Nada de vida, nada de gargalhada; uma tristeza.

Ainda vieram as tunas de estudantes hespanhoes dar uma nota mais alegre com sua vivacidade e pandeiretas, seus cantares de *malagueñas* e *gracias*, percorreram as ruas e encheram o Colyseu.

De tudo que Lisboa nos deu n'aquelles dias é esta a recordação mais alegre que feriu o sorumbatismo indigena.

No Porto se não houve mais alegria do que em Lisboa, houve, pelo menos mais arte, mais grandeza, mais gosto.

Lá, renovaram a iniciativa do anno pasado, e o Club dos Fenianos e o dos Gi-



MOSQUETEIROS

GUARDA D'HONRA DO CARRO DO CLUB DOS GIRONDINOS

rigido, como folia convencional e ordeira, pôde divertir a todos, desde que diga alguma coisa ao espirito, e traga algum enlevo aos olhos.

Seculo do ouro faz um Carnaval rico, ainda que seja de ouro falso não importa; miserias e tristezas ninguem quer ver, que a verdade muita vez é feia.

CAETANO ALBERTO

LITERATURA RUSSA

BOLES

por

MAXIMO GORKI

Certo dia, um meu amigo contou-me a seguinte historia:

Quando eu era estudante, lá em Moscow, succedeu-me morar paredes meias com uma das taes «donzellas»... não sei



CARRO DO DENTISTA NACIONAL  
CORTEJO DOS FENIANOS



CARRO D'HONRA  
DO CLUB DOS GIRONDINOS



CARRO DO AMOR  
CLUB DOS GIRONDINOS



CARRO DO PROGRESSO  
CORTEJO DOS FENIANOS

(Photographias do sr. Paç dos Reis)

rondinos pizeram na rua cortejos como os não houve na cidade de Ullisses.

Enfeitaram-se janellas e ruas. poz-se tudo em festa e todos concorreram para ella

Aos cavalleiros da idade média luz am lhes as armaduras feridas de um ou outro raio de sol, e os mosqueteiros avelludados e emplumados, corriam ás aventuras, como nos tempos galantes.

Contava-se alguma coisa da historia passada e criticava-se o presente exhibindo o carro da Cen-

sura e o do Dentista Nacional, que provocava a livre gargalhada.

Lá ria o Carnaval e rindo castigava.

Riu Cham de seu pae Noé quando o viu borracho, porque não hades rir Carnaval, de tanta borracheira grave que se impõe com ares severos.

Se á primeira vista parece que o Carnaval sem selvageria, sem brutalidade, não tem vida, não tem graça, como dissémos, o Carnaval do Porto deu prova do contrario, e mostrou que, bem di-

se percebe? Era polaca e chamava-se Terêsa. Um mastaréo, muito trigueira, com as sobrancelhas pretas muito juntas, cara grosseira, como que talhada a machado... mettia-me medo com o aspecto bestial d'aquelles seus olhos, escuros, com a sua voz de baixo-profundo. gosmenta, os seus modos de carroceiro, e com toda a sua enorme e musculada pessoa de peixeira...

Estava aquartelado no sótão, e a sua porta era fronteira á minha. Recordo-me de que nunca

abria a minha porta sabendo que ella estava em casa. Mas, coisa aliás natural, era isso assás raro. A's vezes encontrava-a na escada ou no pateo, e ria-se para mim com um sorriso que me parecia cynico e ladrao. Vi-a por mais de uma vez xicaráda, com os olhos baços e mortifcos, desalinhada, e era particularmente odioso aquelle seu sorrir. E então dizia-me:—Passe muito bem, senhor estudante!—e ria-se com um rir boçal, que augmentava a aversão que eu lhe tinha.

Não me faltava vontade de me mudar afim de evitar semelhantes encontros e semelhantes cumprimentos, era porém tão bonito o meu cochicho, com uma vista tão extensa da janéla, e havia um tal socego n'aquella rua... ia aturando. E de repente, uma bella manhã, estava eu a preguiçar estirado no meu catre, a escogitar qual quer motivo valido para não ir á Universidade... eis que se abre a porta, e aquella odiosa Terêsa, do limiar, profere com a sua voz de trovão:

—Passe muito bem, senhor estudante! ...  
—Que é que quer?—perguntei. E no enleado parecer divisei-lhe uma expressão implorativa... expressão que lhe não era familiar.

—Não vê o senhor que eu cá... vinha-lhe pedir que me fizesse uma coisa... Veja lá se m'a faz. E eu para ali estirado, calado, e a pensar: Uma cilada! um attentado contra o meu pudor, nem mais nem menos!

—Aguenta-te, Jegor!  
—Não vê o senhor, que eu tenho de mandar uma carta para a minha terra,—e era dito aquillo com uns modos meigos, supplices, acanhados. Vamos, disse commigo, di-bos te levem, vá lá!

—Levantei-me, sentei-me á m'esa, e disse-lhe...  
—Chegue-se para aqui, sente-se, e vá dictando; e, então, para quem é a carta?

—Linha de Varsovia. Sevensiani—Senhor Boleslau Kachput...  
—Que quer que eu escreva?... Diga...

—Meu querido Boleslau... do meu coração... meu fiel amante... A Santa Virgem seja commigo! Meu rico coraçãozinho de oiro, por que é que não escreves ha tanto tempo á tua triste pombinha que não pôde parar com saudades tuas... á tua Terêsa...

Por pouco que não desatei a rir: «triste pombinha», com aquella sua estatura de metro e setenta e cinco, um pulso de quinze ki os e um coração tão negro que nem que toda a sua vida andara a limpar chaminés sem nunca ter visto agua!

—Quem é elle, o tal Boles? (1)  
—O Boles, senhor estudante,—disse ella, como que azoada por eu lhe ter estropiado o nome,—O Boles, é o meu noivo...

—Noivo!  
—E' alguma admiração? Não serei capaz para ter um noivo, eu, uma rapariga solteira?... Um noivo, ella... uma rapariga solteira!!!...

—Que lhes parece?  
—Oh! E por que não?— Tudo acontece... E ha muito tempo que elle é seu noivo?

—Seis annos.  
Oh! oh!—disse commigo. E, sabidas as contas, escreveu-se a carta. Era tão terna, tão amorosa, que, se querem que lhes diga, eu proprio por minha vontade não se me daria de ter assumido o logar de Boles, se a correspondente não houvesse sido a Terêsa, mas sim qualquer outra coisa, um pouco mais pequena.

—Agradeço-lhe de alma e coração, meu senhor, o favor que me fez!—disse a Terêsa cumprimentando-me.

—E talvez que eu possa servi-lo tambem, em qualquer coisa?...  
—Lá quanto a isso, não, muito obrigado!

—Talvez que o senhor tenha alguma camisa ou algumas ceroulas com buracos?  
Senti que aquelle mastodonte de saias me fazia subir o calor ao rosto, e um tanto desabridamente significuei-lhe que não precisava dos seus serviços.

—Abalou.  
Passaram para ali uns quinze dias... Uma noite, estava eu á janéla a assobiar; a scismar nos meios de desviar de mim proprio os meus pensamentos. Pesava-me o aborrecimento, o tempo estava pessimo e não dava vontade de sair, e por aborrecimento, lembro-me muito bem, absorvia-me eu na analyse de mim mesmo. Isto não deixa tambem de ser muito aborrecido, mas não me vinham tentações de me occupar de qualquer outra coisa. Abriu-se a porta—Deus seja louvado!

—entra alguém...  
—O senhor estudante não terá alguma coisa urgente que fazer?

A Terêsa! Hum!...

—Não!... Que ha de novo?...  
—Eu queria-lhe pedir ao senhor que escrevesse ainda outra carta...  
—Se assim o desejar... Ao Boles?...  
—Não, senhor... d'esta vez, é d'elle...  
—Como?...  
—Ai!... eu estava tóla! Não é isto que eu queria dizer, meu senhor, desculpe!—D'esta vez, não vê o senhor, não sou eu que tenho precisão de escrever... é uma das minhas companheiras... não digo bem, não é uma companheira... é um amigo... Elle não sabe escrever por sua mão... e tem uma noiva assim como eu... Terêsa... E vae d'ahi, talvez que o senhor me quisesse escrever uma carta para a outra Terêsa?...

Olho para ella—está atrapalhada aquelle seu grande coração, a tremer com os dedos, e a retorçê-los... sem se saber porquê nem por que não.

—E principio a advinhar!...  
—Oiga isto que lhe vou dizer, minha senhora, —lhe disse eu,—nem existem sombras sequer de Boles, nem de Terêsa, e tudo isso, são pataratas. Mas é escusado vir para cá com essas coisas, e quanto a travar conhecimento com a senhora—não quero. Percebeu?

D'esta vez, ficou como que assarapentada e atrapalhou-se de todo, pegou a mexer com as beicólas de modo comico e como se quisesse dizer o que quer que fosse, mas não disse coisa nenhuma. E eu á espera do que desse e viesse, via e sentia que estava um tanto equivoocado, ao que parecia, em suspeitar que queria attentar contra a minha virtude. Pelos geitos, n'aquelle caso tratava-se de outra coisa.

—Senhor estudante,—encetou ella, e de subito, acenou com a mão, deu uma revitavolta para a porta, e safou-se.

E para ali me fiquei, com um sentimento detestavel a pesar-me no coração; ouvi bater com muita forza a sua porta,—azoara a rapagão,—era mais que evidente... Peguei a reflectir, e decidi ir ter com ella, induzi-la a voltar para o meu quarto, e que lhe escrevia tudo que ella quisesse. Entro no seu quarto, e vejo-a com os cotovêlos fincados na m'esa, e com a cabeça entre as mãos.

—Escute—lhe disse eu.

M. MACEDO.

(Continúa)

## O MEZ METEOROLOGICO

Fevereiro, 1906

Barometro.—Maxima altura 772,mm5 em 2 e 24.

" " " 757,mm1 " 10.

Thermometro.—Maxima altura 15,8 em 7.

" " " 2,7 " 7.

A maxima, n'este mez, é fraca em relação ao normal. De 5 até 9, o tempo conservou-se muito frio, sendo em 6 e 7, as maximas inferiores a 10°, em 11, as temperaturas extremas foram de 8°,8 e 3°,9, e em 12, a minima de 4°,2. Desde 13, maximas fracas, sendo a maior o do dia 25 (15°,0).

Vento dominante.—NW.

Chuva.—55,mm1 em 13 dias.

Nebulosidade.—Bom tempo 7 dias.

Nublado 17 "

Encoberto 4 "

Nevoeiro 1 "

Granizo em 11 "

Evaporação média.—16,mm.

Osone.—8,°2.

Força do vento.—(ás 9 h. a m).

M. Fraco 3 dias.

Fraco 8 "

Moderado 13 "

Fresco 2 "

Muito forte 2 "

## NECROLOGIA

## Manuel Maria Portella

A cidade de Setubal perdeu com o fallecimento de Manuel Maria Portella, occorrido no dia 1 do corrente, mais um dos seus filhos amantissimos, todo extremos de carinhoso affecto pelas glorias da terra que lhe fôra berço.

Felizmente, sempre apparecem em cada povoação portugueza homens illustrados e de boa vontade que, ciosos dos fastos das suas terras, de-

dicam ao estudo d'elles todos os seus ocios, procurando ora inaltecel-as, ora relembando todos os nomes e datas que as possam illustrar.

Manuel Maria Portella, porém, não se limitava a coordenar documentos como o avarento accrescenta cabedae. E' raro o escriptor portuguez que, nos ultimos quarenta annos, tenha tratado de Setubal, dos seus filhos mais illustres ou dos seus monumentos, que lhe não devesse algum esclarecimento do assumpto.

Assim o confessa o sr. Alberto Pimentel quando declara, na *Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal*, que n'ella se encontram «varios documentos e noticias desde longos annos recolhidos, com louvavel patriotismo, por um escriptor tão modesto e consciencioso, o sr. Manuel Maria Portella.»

O sr. Sousa Viterbo, n'um ultimo estudo sobre os *Cruzeiros*, tambem consigna o seu agradecimento pelos subsidios que alcançou de Manuel Maria Portella.

Abrangem estas duas referencias cerca de 30 annos da vida litteraria (1877-1906) do benemerito setubalense. Durante elles todo o investigador, que melhor quiz apurar algum facto, recorreu a elle, achando resposta prompta e desinteressada.

Conterraneos e conhecidos o estimavam devêras, porque viam em Manuel Maria Portella um homem que soube fazer-se respeitar pelo seu trabalho, elevando-se com o proprio esforço. Seus paes eram uns pobres trabalhadores, Manuel Rodrigues Portella e Dorothea Angelina Perdigo Portella. Nasceu na freguezia de S. Julião a 8 de dezembro de 1833. Com tão humilde origem não pôde frequentar outras aulas além das de instrucção primaria, mas uma natural propensão para os estudos litterarios o levou a applicar-se com persistencia á collaboração de varios periodicos de Lisboa e Setubal, sendo por muitos annos redactor do *Jornal de Setubal*.

Ao jornalismo juntaram-se as locubrações poeticas, e a obra do poeta é bem digna de apreço.

Em 1865 publicou os *Ensaes poeticos*, *A Arrabida*, trecho contra a suppressão do eremiterio, etc. Em 1872, os *Eccos do ermo*, o *Hymno dedicado ao ex.mo sr. dr. José Braz de Mendonça Furtado*, lente da faculdade de Direito na Universidade de Coimbra, pela sociedade marcial *Capricho*, musica de José Luciano de Carvalho, versos de Manuel Maria Portella.

Em folhetins da *Gazeta Setubalense* encontram-se alguns trabalhos seus: *D. Gonçalo Pinheiro*, bispo de Viçeu, noticia biographica (março de 1874); *Impressões de um passeio á Arrabida*, descripção historica e topographica do sitio, etc. (julho e agosto de 1873).

Na edição feita em 1879, no Rio de Janeiro, das *Descripções onymaticas*, etc., de Fr. Francisco de Santo Ignacio Carvalho, a introdução é assignada por Manuel Maria Portella, que n'ella fez a biographia do auctor.

Entrando no funcionalismo, foi durante muitos annos empregado da camara municipal, de que por vezes exerceu o logar de secretario.

N'esse cargo se lhe deve a *Noticia dos monumentos nacionaes do concelho de Setubal*, que em 1882 a camara do mesmo concelho mandou imprimir, offerecendo-a em resposta aos quesitos que lhe foram propostos pela Commissão dos Monumentos Nacionaes.

Quando se publicou no dictionario *Portugal antigo e moderno* o artigo relativo a Setubal, acudiu logo Manuel Maria Portella com muitas correções, que fez imprimir no formato d'aquella obra, de modo a poderem intercalar-se no respectivo volume.

Ainda com o mesmo desvelado interesse que tomava por tudo quanto se referia á sua patria, trabalhou activamente para a fundação de um asylo da infancia desvalida, instituição que constitue o seu mais puro elogio.

Não foi indifferente a cidade de Setubal a tantos serviços, pois que ha pouco tempo ainda, por occasião das festas em homenagem a Bocage, deu o nome de *Manuel Maria Portella* a uma das suas melhores ruas.

O funeral do illustre setubalense foi uma manifestação imponente, que, devidamente reconhecidas, lhe tributaram todas as classes sociaes da sua terra natal.

ESTEVES PEREIRA

## Romero Robledo

Mais um homem eminente na politica do reino visinho rolou para o tumulo, fazendo falta á sua patria, como fazem sempre os homens da estatura moral de Romero Robledo.

A noticia correu rapida em Madrid no dia 2 do

(1) Trocadilho. Boles, em russo, significa doença.

